

EDITOR: Rodrigo Carrero
 ASSISTENTE: Adriana Dória Mats
 TELEFONES: 3425.7728/7622 FAX: (81) 3425.7700
 E-MAIL: edviver@dpnet.com.br



LIVRO
INVESTIGAÇÃO SOBRE ATENTADO
AO PAPA RENDE BOM ROMANCE D2

Animação recifense vai ao Videobrasil

Trans-Postes é único representante pernambucano em festival, que vai de hoje ao dia 23, em São Paulo

Luciana Verra
 ESPECIAL PARA O DIÁRIO

Uma rodovia de postes. Uma estrada onde não existe asfalto e tudo passa por fios de alta tensão. Idéia utópica de um artista plástico ou discurso desconexo de algum visionário? Nenhuma das duas. *Trans-Postes* existe e está indo para São Paulo como único representante pernambucano do 13º *Videobrasil*, que começa hoje e vai até o dia 23 no SESC da capital paulista. É uma animação eletrônica que marca a estreia do designer Daniel Lopes como roteirista, produtor e diretor.

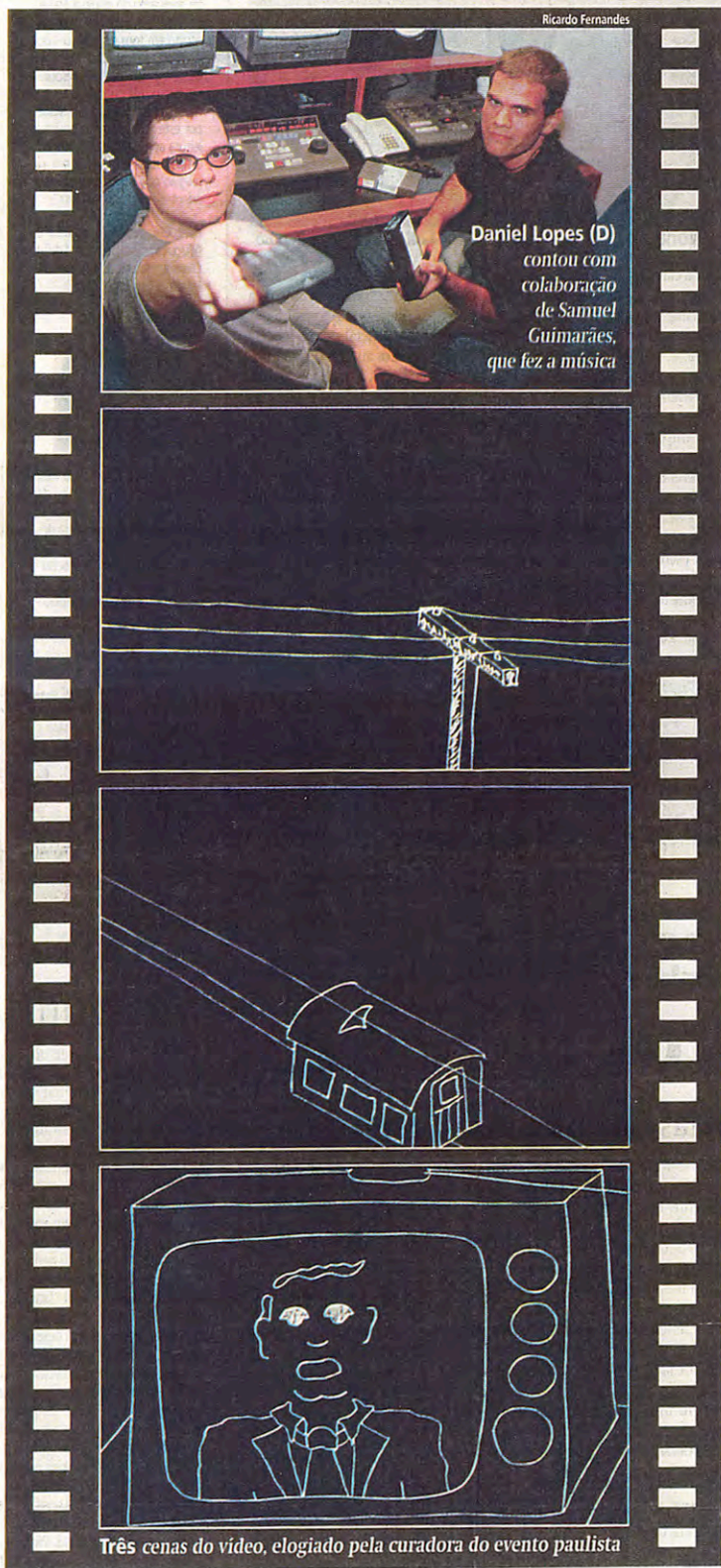
Glamour em acumular as três principais funções de um filme? Nem pensar. Após descartar a possibilidade de trabalhar com película "por falta de grana", Daniel se viu com uma única saída: desenhar todos os 1.400 quadros a mão, nas fatídicas horas em que estava de folga do trabalho ou sem aula no curso de Programação Visual da UFPE. Trabalhava com lápis comum sobre papel ofício para depois cobrir os desenhos com nanquim. Nesse ritmo, levou quase um ano para terminar. "Não tinha tempo. Pensei até em desistir", conta.

Até que deu um estalo e ele pensou em mostrar o projeto para os donos da Oficina de Imagens, onde atua na área de pós-produção e computação gráfica. Alguns dias de esforço bastaram para escanear todos os desenhos e tratá-los no computador. A edição se deu com o auxílio do *After Effects*, programa específico para animações. Depois de pronto, a descoberta: faltava algo, uma som, uma trilha. E foi aí que Samuel Guimarães, o Muca, entrou na jogada. Músico e adepto do trabalho com massa de modelar, ele se responsabilizou pela sonoplastia do vídeo e terminou assumindo a coparticipação do rebento. "Quando ficou pronto, parecia que Daniel estava vendo um filho pequeno, ele babando e eu como tio", diverte-se.

Com a fita na mão, a dupla decidiu se inscrever no *AnimaMundi*, um dos mais prestigiados e concorridos festivais do gênero, realizado em julho no Rio de Janeiro. "Não achava que ia ser selecionado", lembra o diretor. Mas foi e junto com *Trans-Postes* participou também *Fumofobia*, animação de 1 minuto de assinatura por Muca. A inscrição para o 13º *Videobrasil* chegou por acaso, através de Marcos Enrique Lopes, irmão de Daniel e autor do curta *A Composição do Vazio*. Outra surpresa ao saber que a via expressa onde só correm postes estava incluída no festival. Para Muca e Daniel, o clima é de "já participou, já ganhou".

NÚMEROS - Em entrevista por e-mail, a jornalista Solange Farkas, curadora do festival, diz que foram inscritas 644 obras (61% a mais que na edição anterior), das quais 135 foram selecionadas. A programação é composta pela Mostra Competitiva (vídeo e novas mídias) e por programas paralelos que contemplam vários aspectos. "Um pouco da parte histórica; um pouco da trajetória das artes visuais, com a tentativa de demarcarmos as mudanças apreendendo qual diferença entre a manifestação de arte moderna e contemporânea; um pouco da questão técnica (workshop) fundamentalmente o acesso à informação (fóruns via *home page*, palestras)", detalha a curadora.

E *Trans-Postes*, onde se encaixa? "No trabalho de seleção das obras, nós consideramos, entre outras coisas, trabalhos que apresentaram experimentações com a imagem, com narrativa, com a articulação da imagem e do som. *Trans-Postes* corresponde totalmente a estes requisitos", aponta Farkas. Com essa, podem esperar a torcida por prêmios e por n lançamento no Recife.



Ricardo Fernandes

Daniel Lopes (D) contou com colaboração de Samuel Guimarães, que fez a música

Três cenas do vídeo, elogiado pela curadora do evento paulista

ENTREVISTA | Solange Farkas

DIÁRIO DE PERNAMBUCO - O que há de novo no 13º *Videobrasil*?

Solange Farkas - A diversidade das obras apresentadas e a própria estrutura de apresentação montada pelo festival para encarar esta nova realidade. O surgimento de plataformas digitais de edição e de captação de imagens repositonam as produções e democratizam ainda mais o ambiente da imagem eletrônica, trazendo uma nova geração de jovens realizadores e mudando o ambiente do festival.

DP - Como se dará o julgamento e a premiação?

Farkas - Um júri composto por especialistas internacionais (Brasil, México, Peru, Espanha e Canadá) assistiu aos trabalhos junto com o público e, ao final da primeira semana do festival, atribuirá 3 prêmios em dinheiro (R\$ 10.000,00) e o *Troféu Videobrasil*, criado pela artista Carmela Gross, para cada uma das categorias: vídeo e novas mídias.

DP - De que forma as curadorias internacionais atuam no festival?

Farkas - Atuam como provedores de informação do que estará acontecendo de mais recente na arte eletrônica nos países considerados de Primeiro Mundo. São críticos e artistas dos principais centros de mídia que, a convite do festival, se encarregam de escolher as obras recentes de artistas destacados em seus países e com isto traçar um panorama mundial da arte eletrônica.

DP - Você considera a arte eletrônica ainda desconhecida no País?

Farkas - A arte eletrônica, grande estrela da contemporaneidade, ocorre no âmbito da urbanidade, haja visto que é da cidade ou da metrópole que emanam as fontes que inspiram a produção artística atual. Mas outro aspecto interessante deste processo é a questão da globalização aproximando as pessoas, encurtando as distâncias e consequentemente disseminando esta questão para

fora de determinados eixos urbanos. Neste sentido, acho que a arte eletrônica no Brasil hoje, diferente do que ocorria na última edição do *Videobrasil* (1998), está passando por um processo de popularização, fazendo parte da vida das pessoas. Isto pode ser aferido, por exemplo, na enorme quantidade de trabalhos inscritos fora do eixo Rio-São Paulo.

DP - O que poderia ser feito, além de festivais como esse, para torná-la ainda mais popular?

Farkas - A existência de eventos e ações como estas desenvolvidas pelo *Videobrasil* e a abertura de espaço para estas expressões da contemporaneidade vão naturalmente transformar esta relação do público com a arte eletrônica, como aconteceu nos países desenvolvidos nas últimas duas décadas.

DP - Você também comanda a Associação Cultural Videobrasil. É complicado mantê-la? Quais são os trabalhos pernambucanos do acervo?

Farkas - O trabalho da Associação Cultural Videobrasil é, de certa forma, uma extensão, uma continuidade do projeto do festival numa escala que transcende o caráter de efemeridade de um evento. Ou seja, proporcionar aos artistas que trabalham com o suporte eletrônico-digital algumas facilidades fundamentais para o desenvolvimento do meio, como o acesso a eventos internacionais através da inserção das suas obras em festivais e mostras ao redor do Mundo, inserção no acervo que permite uma circulação destes trabalhos pelo mercado consumidor deste tipo de trabalho.

Quanto à presença de trabalhos pernambucanos em nosso acervo, temos o orgulho de ter a disposição do público e pesquisadores em geral uma compilação dos principais trabalhos produzidos pela produtora TV VIVA de Olinda, são trabalhos que participaram das primeiras edições do festival assim como de todos artistas pernambucanos que durante estes anos tem participado do festival.